

## SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: O PLANEJAMENTO E A CONSTRUÇÃO DO PÓLO REGIONAL DO VALE DO PARAÍBA<sup>1</sup>

Simone Narciso Lessa<sup>2</sup>

Convivendo com a cidade, ao observarmos a paisagem de São José dos Campos vimos que parecia não ter limites precisos. Conurbada com vários municípios, a cidade foi marcada pela presença do modernismo impresso em prédios, estruturas urbanas e bairros planejados, pela indústria e pela técnica. São José dos Campos é um pólo industrial e comercial cortado por importantes corredores rodoviários do país, principalmente, a Rodovia Presidente Eurico Gaspar Dutra. Olhando com mais atenção começamos a notar outros pontos em seu tecido: os sanatórios desativados, a presença militar. Tudo isto acabou deslocando nossas atenções para a região e a cidade.

Nos perguntávamos então: por que portas a transformação urbanística entrou nesta cidade? Em que momento de sua História? Sobre que outras cidades esta se construiu? Este trabalho foi desenvolvido como tese de doutorado no Departamento de história da UNICAMP, sob a orientação da professora doutora M. Stella M. Brescinni, defendida em 2001. Ele tem como objeto a transformação de São José dos Campos em pólo regional do Estado de São Paulo, através de intervenções urbanísticas e do planejamento estatal. Nosso corte temporal abrange, mais especificamente, o período entre as décadas de 30 e 70 do século XX.

O estudo da cidade e o próprio planejamento se tornaram campos de atuação de arquitetos, urbanistas, geógrafos, sociólogos, historiadores, economistas, etc. No Brasil, várias áreas, principalmente, a geografia e o urbanismo, têm estudado a formação sócio-econômica do espaço urbano e regional. A historiografia brasileira, no entanto, somente a pouco tempo, principalmente da década de 70 para cá, tem se interessado pelas questões metodológicas do estudo das cidades e do pensamento

---

<sup>1</sup>Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2001, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Stella Martins Brescinni

<sup>2</sup> Doutora e mestre em História pelo Departamento de História do IFCH - UNICAMP  
Profa. do Departamento de Geociências da UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros –MG  
Pós-doutoranda e Professora credenciada da pós-graduação do Departamento de Saneamento e Ambiente da FEC- Faculdade de Engenharia Civil – UNICAMP. Profa. de História do Colégio Técnico da UNICAMP-COTUCA. Prof. Na Faculdade de Direito de Mogi Mirim.

urbanístico. Nice L. Müller, foi a primeira a chamar a atenção para a variedade de processos entre as cidades do Vale do Paraíba. Entendemos, assim como a historiadora Stella Brescianni que,

*“As cidades são antes de tudo uma experiência visual. (...) E mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida a algumas de suas formas de inserção topográficas ou particularidades arquitetônicas.”<sup>3</sup>*

Esta foi a nossa proposta metodológica. Assim, pensamos que para tratarmos da história da cidade devemos levar em conta sua formação sócio-espacial. A construção da cidade e as correlações de forças que participaram deste processo dinâmico foram compondo o horizonte que buscávamos. De acordo com o geógrafo Milton Santos,

*“Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como um fato histórico que ele é, somente a História da sociedade mundial, aliada a da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social.”<sup>4</sup>*

No século XX São José dos Campos se tornou uma cidade local, dando início a um processo de centralização e concentração de investimentos, população, equipamentos, etc. O marco foi a cidade sanatorial que atuou fortemente no setor terciário, através da instalação de serviços variados para atendimento dos doentes. Período, no qual, a presença da doença e dos doentes abriu a primeira porta de intervenções urbanística e das políticas públicas na cidade.

O projeto de transformação de São José dos Campos em pólo regional, foi marcado pelo autoritarismo e deslanchou durante dois períodos ditatoriais, praticamente consecutivos: O Estado Novo e a Ditadura Militar. Períodos, portanto, nos quais a cidadania não poderia estar no centro destes projetos.

---

<sup>3</sup> Sobre a historiografia das cidades brasileira ver BRESCIANNI, M. Stella M.

*“História e Historiografia das Cidades”* in: FREITAS, Marcos César de (org). **HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA EM PERSPECTIVA**. São Paulo: Contexto, 1998. P. 237.

<sup>4</sup> SANTOS, Milton. **ESPAÇO E SOCIEDADE: ENSAIOS**. Petrópolis: Vozes, 1979. Pp. 9 e 10.

Neste momento, também emergem outros dois projetos, que atuaram de forma interdependente e com grande participação do planejamento estatal: o projeto industrial, setor secundário, marcado pela presença das transnacionais e indústria bélica; e o projeto militar, principalmente a construção do CTA com a proposta de produção de conhecimento e tecnologia, assim como, a formação de mão-de-obra qualificada.

A complexidade da questão urbana, a partir da problematização do meio, nos séculos XIX e XX, nos coloca diante de experiências urbanas diferenciadas. Tendemos a buscar as semelhanças, as estruturas homogeneizantes, as explicações gerais. No entanto, quando olhamos mais a fundo a experiência urbana nos últimos séculos vemos que, apesar do processo de formação de um pensamento e de um urbanismo internacional, a forma como as transformações urbanas se deram guardaram em cada lugar suas peculiaridades.

Buscamos tomar como referência o processo de problematização da cidade, ou seja, a instauração da “questão urbana”, a trajetória de transformações da cidade de São José dos Campos, notadamente da década de 30 à década de 70, levando-a de cidade sem maior expressão na região do Vale do Paraíba do Sul, a pólo regional do Estado de São Paulo e do Brasil. De acordo com Ademir Pereira dos Santos:

*“(…), São José dos Campos sempre foi uma cidade laboratório feita a partir de estímulos externos. Foi assim na primeira metade do século XX com a fase sanatorial. A cidade era um depósito dos balões de ensaio de instituições paulistanas como a Santa Casa de Misericórdia. Depois da implantação do CTA[Centro Tecnológico Aeroespacial], da Dutra, dos investimentos multinacionais e militares, São José dos Campos descaracteriza-se totalmente. É quando se processa a transformação da cidade-sanatório para a cidade-indústria bélica e multinacional, situação acentuada gradativamente ao longo da década de 60, acelerada em 70, mantendo o rítmico boa parte dos anos 80.”<sup>5</sup>*

Para estudarmos o processo de transformação de São José dos Campos em pólo regional traçamos uma trajetória de investigação da história da formação

---

<sup>5</sup> SANTOS, Ademir Pereira dos. “De Cobaia a Feiticeiro (ou para se ler paisagens urbanas recentes em São José dos Campos) in: **CADERNOS DO CIRC – CENTRO DE INFORMAÇÕES E REFERÊNCIAS CULTURAIS. SÃO JOSÉ: A CIDADE, A CULTURA E SEU TEMPO.** Ano I - nº 1. São José dos campo: Fundação Cassiano Ricardo, dezembro/1996. P. 25.

urbanística da cidade, sua ocupação territorial; sua relação com as políticas públicas. Buscamos identificar as peculiaridades deste processo frente aos padrões e paradigmas da história urbana do Estado de São Paulo.

São José dos Campos, apresentava diferenças em relação aos outros pólos do Estado de São Paulo como Campinas, a Baixada Santista e mesmo a Capital. Em São José dos Campos o período sanatorial, de final do XIX até meados do XX, foi um marco do processo de intervenção do Estado. São José dos Campos passou neste período a receber tuberculosos de todo o país, mas principalmente da cidade de São Paulo. Políticas públicas e investimentos, públicos e privados, transformaram a forma urbana e estabeleceram um novo lugar para São José dos Campos na divisão social e territorial do trabalho e no processo de descentralização dos problemas urbanos da Capital paulistana.

Procuramos tecer a trama da história de uma cidade e suas complexidades. São José dos Campos teceu sua história com os fios da técnica e do planejamento. Sua história apresenta cores fortes trazidas pela peste e pela indústria de armamentos. O planejamento entrou na cidade pelas mãos da doença levando a questão urbana e social, a intervenção na cidade, e não minimizou seus problemas, na verdade talvez os tenha potencializado. Vimos ao longo do trabalho que a delinquência e a violência assim como a segregação persistiram, mesmo em face da crescente ação do Estado na cidade e região.

Na Ditadura Vargas, na qual a cidade passou a ser uma Estância Climatérica; foram construídos a Dutra e o CTA — Centro Técnico Aeroespacial, começou a ser feito o Plano do Reerguimento do Vale do Paraíba pelo IAC — Instituto Agrônomo de Campinas, a pedido do Governo do estado de São Paulo. A Ditadura Militar, com o CODIVAP — Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba e o Macro-Eixo, período de maior crescimento da estrutura do CTA; instalação das transnacionais; da indústria bélica; e da especulação imobiliária com a expansão da cidade e o nascimento de novos bairros, ricos e pobres.

O período democrático, nas décadas de 50 e 60. foi muito importante principalmente pelo Plano do CPEU — Centro de Pesquisa Urbana da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e sua visão acurada de um processo de desterritorialização das massas de migrantes que acorreram das mais diferentes regiões do país. De acordo com os dados CODIVAP este foi um período marcado pela migração interna, das cidades menores para as cidades maiores do Vale do Paraíba.

O meio assume várias perspectivas ao longo deste processo. Se a cidade sanatorial atrai pelos seus ares bons, a cidade industrial se fixa a partir da construção

de infra-estrutura e superestrutura que, numa relação dialética, configurou a região do Vale e, mais especificamente, São José dos Campos como um pólo nodal das redes do centro-sul. O meio que na cidade sanatorial se remetia a Primeira Natureza, os ares bons o sol, como vemos no brasão da cidade, após a década de 40 se voltou para a relação de espaço e tempo marcada pelas estruturas tecnológicas de Segunda Natureza. Como colocou Milton Santos, foi a substituição do meio natural pelo meio técnico-científico-informacional.<sup>6</sup>

A concentração industrial da capital desencadeou um processo de crescimento e conurbação, levantando o problema das deseconomias e do limite da capacidade de absorção da metrópole. O planejamento numa relação imbricada entre União, Estado, municípios, diagnosticaram e apontaram soluções que como vimos redirecionaram os problemas, colocaram novos problemas, mas não resolveram efetivamente os grandes conflitos de ordem social que emergiram em meio a toda esta transformação.

O período sanatorial marcou o início da transformação com a chegada de doentes do peito, no século XIX e se estendeu até a década de 50, do XX (não existe uma data precisa para seu início e término). Identificamos a transformação da cidade em Estância Climatérica a partir do Decreto 7.007/35 e, nas intervenções do Estado, por meio do Decreto 6.501 de 10/06/1934 que disciplinava as Estâncias Climatérica, como o momento no qual a cidade, assim como o Estado colocou na pauta do dia a “necessidade” de uma normalização do espaço e das condutas em relação à doença e ao doente.

Este foi o momento no qual São José passou a receber investimentos estatais, e a fazer parte das estratégias governamentais no que diz respeito ao que poderíamos chamar de política territorial desenvolvimentista, principalmente a partir da Ditadura Vargas. Este processo de investimento na cidade sanatorial criou as bases infra-estruturais que viabilizaram a cidade industrial moderna.

A industrialização de São José dos Campos teve uma relação direta com o planejamento estatal que se deu de uma maneira diferenciada das regiões do oeste ou da baixada santista. Seu processo de transformações urbanas se mostrou interessante, pois não parecia estar ligado ao paradigma paulista da relação “indústria/Complexo Cafeeiro”.

O primeiro Plano para o Vale do Paraíba partiu de uma Lei de 1938, portanto em pleno período sanatorial, durante o governo Adhemar de Barros, chamada *Lei de*

---

<sup>6</sup> SANTOS, Milton. **TÉCNICA ESPAÇO E TEMPO. GLOBALIZAÇÃO E MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO INFORMACIONAL**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. P. 135

*Reerguimento do Vale do Paraíba.* Em 1941 foi encomendado ao IAC — Instituto Agrônomo de Campinas, pelo governo estadual, um plano que promovesse o desenvolvimento do Vale do Paraíba com o objetivo de implementar a lei de 38. Este plano recebeu o nome de *Plano de Reerguimento do Vale do Paraíba*. Apesar de ter sido um plano que, num primeiro momento visava um reerguimento pelo incentivo da agropecuária, criando um cinturão verde para a capital e a bacia leiteira do Vale do Paraíba, ele apontava, também, para a vocação industrial do eixo Rio-São Paulo.

Em seguida, no final da década de 50 e início da de 60, o Centro de Pesquisas Urbanas da Faculdade de Arquitetura da USP, o CPEU, se colocando como continuação do processo de planejamento que começou no Governo Adhemar de Barros, jogou o foco na cidade de São José dos Campos. Este centro de pesquisa, adotando uma perspectiva mais ampla que aquela sanitária da década de 30, seguiu na mesma linha do plano regional do IAC, da década de 40, propondo uma série de planos regionais para o estado de São Paulo.

Este conjunto de planos parte do Vale do Paraíba, mais especificamente de São José dos Campos, com o plano diretor da cidade. Foi dado início, pelo CPEU, a um processo planejador que se estendeu por todo o Estado de São Paulo nos anos seguintes. No Plano Diretor do município de São José dos Campos, de acordo com o Decreto 246/58, elaborado pelo centro da USP, encontramos expresso, como objetivo principal do ordenamento urbano da cidade a implantação de indústrias.

A mudança para a industrialização levou a uma nova abordagem sobre o meio na região. Surgiu a perspectiva de meio geográfico como base da relação entre o meio natural e a ação do homem. Não era mais a qualidade do ar que importava, e sim o meio visto como meio territorial pelo planejamento estatal e dos institutos de pesquisa. Sua topografia e sua localização num dos principais eixos hidrográficos do país foram elementos importantes para que, em detrimento de cidades mais tradicionais como Taubaté, São José dos Campos fosse privilegiada pelas políticas de investimento estatal. A cidade passou a ser vista como elo de ligação entre as metrópoles nacionais: Rio e São Paulo.

Outro aspecto importante dessa transformação da cidade foi marcada pela chegada das transnacionais. São José dos Campos vai se transformar numa *cidade corporativa*. A presença das transnacionais em seu território, no eixo da Dutra, assim como a do CTA, atraiu a cidade em sua direção, construindo toda uma rede de infraestrutura: eletricidade, transporte, abastecimento de água e esgoto, telefonia.

O processo planejador que seguiu pelas décadas seguintes até a de 70. Em 70 no Plano do CODIVAP — Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba e Litoral Norte, e o Plano Regional do Macro-Eixo Paulista, apontaram tendências e

indicaram ações de políticas públicas para o corredor da Dutra. Todos estes planos faziam parte de uma estratégia maior do Governo Militar contemplada pelos Planos Nacionais de Desenvolvimento — PND -I e II.

A noção de meio mudou, em face da presença marcante de tecnologias que apontavam para a supremacia da Segunda Natureza sobre a Primeira. O planejamento estatal com suas políticas públicas, rasgou as montanhas com estradas, fez hidroelétricas e represas, estendeu fios no ar e dentro da terra num processo de cabeamento ligando cidades e países. O meio passou a ser um meio técnico-científico informacional, no qual a produção e consumo de tecnologia passou a ser o principal fator de territorialização, notadamente de meados do século XX e início do XXI.<sup>7</sup>

A construção do CTA (Centro Tecnológico Aeroespacial), na década de 40, foi o primeiro projeto militar na cidade. Seu plano, no qual estavam incluídos arruamentos e instalações no município, foi concebido por Oscar Niemeyer a partir de um padrão que tem como pressuposto o Urbanismo Modernista “Courbusiano”.

Oscar Niemeyer, após vencer o concurso de projetos no final da década de 40, estabeleceu um marco da ocupação territorial da cidade. O Plano de Niemeyer ao prever uma ligação da cidade militar, o CTA, às margens da Rodovia Presidente Dutra, com o centro de São José dos Campos, através da construção de uma avenida (a avenida Nelson D’Ávila), estabeleceu o novo eixo de crescimento em direção à Dutra.

A construção do CTA e da Via Dutra marcou o início da transformação da indústria no Vale do Paraíba. A Via Dutra, uma das primeiras estradas de tráfego pesado no país, começou ser construída em 1950 e se transformou no principal corredor industrial do país com sua duplicação.

Trabalhamos com uma grande variedade de fontes levantadas nos arquivos e bibliotecas pesquisados. Nos livros, jornais, revistas, efemérides, folhetos, boletins e os planos buscamos o processo de transformação da forma da cidade e, também, do pensamento sobre ela. Para além das letras, nos encantamos com o acervo iconográfico deste período. Diante da sua riqueza e variedade tentamos estabelecer um diálogo das imagens, em seus vários suportes, com o nosso texto.

Através das inter-relações que buscamos estabelecer entre as fontes, procurávamos uma maior densidade histórica ao papel frio dos planos e a aridez das técnicas de planejamento e análises sociológicas, econômicas ou espaciais. Neste trabalho o espaço não foi uma tela de fundo neutra. Como escreve Milton Santos, “São as formas que atribuem ao conteúdo novo provável, ainda abstrato, a possibilidade de

---

<sup>7</sup>SANTOS, Milton. **Op. Cit.** 1996.

*tornar-se conteúdo novo e real.*<sup>8</sup> A formação econômica social e espacial é antes de mais nada histórica.

## **BIBLIOGRAFIA**

BRESCIANI, Stella (org.) **IMAGENS DA CIDADE. SÉCULOS XIX e XX**. São Paulo, Ed. MARCO ZERO, 1993.

SANTOS, Milton. **ESPAÇO E SOCIEDADE. (ENSAIOS)**. Petrópolis: Editora VOZES Ltda. 1979.

- **TÉCNICA ESPAÇO E TEMPO. GLOBALIZAÇÃO E MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO INFORMACIONAL**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SANTOS, Ademir Pereira dos. "De Cobaia a Feiticeiro (ou para se ler paisagens urbanas recentes em São José dos Campos) in: **CADERNOS DO CIRC – CENTRO DE INFORMAÇÕES E REFERÊNCIAS CULTURAIS. SÃO JOSÉ: A CIDADE, A CULTURA E SEU TEMPO**. Ano I - nº 1. São José dos campo: Fundação Cassiano Ricardo, dezembro/1996. P. 25.

- **SÃO JOSÉ DOS CAMPOS ARQUITETURA INDUSTRIAL**. São José dos Campos: Fundação Cassiano Ricardo, 1999. (mimeo).

---

<sup>8</sup> SANTOS, Milton. **Op. Cit.** 1979 16